

LEITURA

Num. 2 MENSARIO OFICIAL DO 700 rs.
CENTRO DE ESTUDOS 'JUSTINO MENDES'

Dr. Abilio B. Zancan

Quando as náus de Portugal, desbravando a incognita dos mares aportaram a uma terra "muito doce e fermosa", trouxeram com o sol radioso da civilização, o símbolo e a essência divina da Cruz.

O Brasil das matas verdes, dos rios gigantes, das pedrarias opulentas, acordou sob o hino mavioso da Crença, afagado em seu bárbaro nativismo pela mão amorosa dos jesuitas. Foi um despertar de criança feliz, a quem o céu azul aparece como uma promessa de paz.

E temos crescido nesse conforto religioso, á sombra de uma providência amiga, que nos ajuda a engrandecer.

o país que
nasceu sob
a sombra
da Cruz

Anchieta semeou pela terra bravia a semente prodigiosa. Pela imensa densidão do país selvagem, aos poucos, o gesto do santo foi desabrochando rosas. Jesus o doce Jesus, foi sendo compreendido pelos incolas feroces.

Vieram os bandeirantes. Em cada pouso largavam núcleos de núcleos humanos. Em os olhos dos homens atônitos iam deixando o vislumbre de uma entidade superior, que eles enxergavam na cruz vermelhada das bandeiras tremulas.

E crescendo, o Brasil cresce dentro da fé, porque maior do que ele é a sua confiança em Deus, a quem confia o seu futuro grandioso e belo.





Mensario oficial

do Centro de

Estudos

"Justino Mendes"

leitura

JULHO DE 1939

Redação a cargo

da Comissão

de Divulgação e

Propaganda

C. 1712-0024
1939.07.00
Revista nº 2

a voz do passado

E' um conto polonês que relata a história encantada:- nas noites tempestuosas, quando o vento brávio sacode no cólo do mar as embarcações tímidas, açoiando nos ventres brancos das suas velas o chicote das lufadas furiosas;... quando céu e oceano se confundem no terror da paisagem descomunal que só expõe, na negrura infinita do espaço, os traços de fogo dos relâmpagos;... quando a alma do homem se confrange apunhalada no seu orgulho mesquinho, ante a potência misteriosa das cousas...

O marinheiro destemido que enfrenta a procela e luta contra a morte, ouve uma voz subindo na espiral espumarenta das vagas altas, que parecem lambeo o firmamento. E ele se descobre e começa a orar. E' a voz tumultuosa dos companheiros seus que o mar amortallhou no seu caixão

enorme, essa voz que sobe para o dorso das aguas, borbulha no ricochete das ondas, alteia no grito espautado da tormenta impetuosa. Voz tumular que se estende do mistério, para povoar no pensamento dos vivos a saudade dos mortos.



Ouçamos nós também a voz do passado que nos fala em todas as horas do Brasil.

Heroica e grandiosa, em todos os momentos da pátria, canta aos nossos ouvidos essa música imorredoura que envolve o sorriso das crianças, o pranto das noivas solitarias, a cantiga das mães, o apito das maquinas, a prece, dos enamorados, o apito dos navios, o ruído das batalhas, a sinfonia eterna da nacionalidade.

Gelson Bertelli

O homem dos olhos arregalados

Que culpa lhe poderia caber na metro do dr. Oduvaldo Marcondes? Euclides Milagres se torturava na procura da resposta a esta pergunta. O dr. Oduvaldo morrera de morte natural, com uma tuberculosezinha galopante, um sorriso beatífico, muito consolado. Porque diabo, então, não cessava de se inquietar á procura de uma culpa que não lhe poderia caber, de maneira alguma?

Viera agora mesmo do entêrro. Ao pé do túmulo pensara muita coisa. Nesta expressão, por exemplo, — ao pé do túmulo.

Um túmulo não tem pés. Tem palmos, se querem ficar no terreno das medidas. Mas isto são divagações e Euclides Milagres, ao pé do túmulo, reviu foi toda a sua amizade com o Dr. Oduvaldo Marcondes. Lembrou-se da primeira visita que lhe fizera e do dia em que a tremenda idéa lhe viera. Foi numa fria noite de junho. Aniversario daquelle cujo corpo agora estava soterrado. O dr. Oduvaldo já estava com uma tosse de quem anda mesmo á beira de morrer. E mostrou-se neste dia de uma animação nunca vista. Mostrou-lhe a casa. Fez os garotos recitarem uns versinhos que ambos acharam muito engraçadinhos. Depois lhe mostrou a biblioteca. Que biblioteca, Santo Deus! Uns tres mil livros. Mas o número não era nada. Os livros é que sim. Euclides Milagres ia vendo, estupefato. Ali em cima toda a carreira era Dostoyewski, purissimo. Mais abaixo encadenado, Paul Bourget. Numa fila, ao lado, a Pedagogia Brasileira. Literatura botucuda, filosofia, sociologia, filologia, iam-se sucedendo. Uns em finissimas encadernações, mostrando uma cultura, uma erudição, um conhecimento como poucos.

E foi então que lhe ocorreu aquela idéa. Se o dr. Oduvaldo Marcondes morresse... e deixasse alguns livrinhos daqueles...

Veio o café. Se o dr. Oduvaldo morresse. Mais uma chichinha. Belos, desejaveis livros. Um pedaço de bolo, Euclides. Se ele morresse e lhe deixasse uns volumezinhos.

Safu dali com a gola do sobretudo levantada. Aquela idéa era uma estupidez que não podia admitir. Era preciso esquece-la. Pensar outros pensamentos. Mas as idéas, dis-

se um autor, são como acrobatas a trapezear na nossa cabeça. E aquella do pobre Euclides Milagres estava fazendo cada magica inscrever e vinha, tornava a ir e tornava a voltar! pulava, subia, descia. E nada de dar o fó-ra.

Quiz pensar nalguma coisa absorvente que a fizesse esquecer de tudo mais. Como, por exemplo, que fazia frio de rachar. Mas a idéa nem por isto. Continuava bem quietinha. Isto é, bem assanhada no seu cerebro. Pouco se lhe dava o frio. Continuava ali. Continuaria do mesmo modo que se fizesse calor. Era melhor deixal-a e não lhe dar importancia.

Mas quando o homenzinho morreu, Milagres viu que tinha muita importancia. Sua responsabilidade naquela morte devia ser enorme. Desejara-a, quando nada. E isto era uma coisa muito terrivel. Novamente voltou-lhe á mente a cara boa do bom do intelectual com seu geitão de professor aposentado, quando limpava os grossos oculos.

Lavou as mãos com uma veemência que não quiz perceber. E ficou balançando-as no ar como se quizesse tirar-lhes, mais do que a umidade, alguma coisa que aquele gesto era incapaz de fazer desaparecer...

Disseram-lhe um dia que um filosofo afirmára: a verdade está na coisa e não na nossa idéa. Formidavel, este filosofo. Assim sendo, Euclides Milagres nada tinha que ver com a morte do dr. Oduvaldo.

Do mesmo modo que pensara na morte do dr. Oduvaldo Marcondes poderia ter pensado na morte do criado de librê de George VI ou do camareiro de Mussolini. E nem por isto estes dois homens haviam merrido. Nada, pelo menos, até o momento, constava. Conso-lou-o este raciocinio.

Mas no fundo, bem no fundo da cabeça, aquella outra idéa, aquella das mágicas incriveis, estava somente descansando. Qualquer oportunidade e estaria de novo se balançando, atrevidamente, incomodamente.

E o pior é que havia os livros. Sim, os livros. D. Lulú soube que Euclides apreciava muito livros. Ela não entendia para que tanto volume ajuntado. Tratou de dar alguns aos

Gloriosa tradição mineira

O U R O P R E T O

A 8 de julho passado, transcorreu o aniversário da fundação de Vila-Rica, cidade repositório das mais veementes páginas da história brasileira.

O Centro Ouropretano, agremiação sediada nesta Capital, cujo denodado espírito cívico empreende obra salutar de cultuamento às tradições da velha cidade, comemorou condignamente a significativa efeméride, fazendo realizar, no salão do auditório da Escola Normal Modelo uma sessão solene, na qual se fez ouvir a palavra fulgurante do professor Magalhães Drumond. O dr. Vicente Raciópi, diretor do Instituto Histórico de Ouro Preto, usou da palavra, em eloquente improviso.

O Centro de Estudos "Justino Mendes" se fez representar pelo seu presidente, aquiescendo ao convite que lhe dirigiu o Centro Ouropretano.

Em contribuição às festividades que se fizeram, ao ensejo da magna oportunidade, o Alendario Histórico do Brasil, da P. R. C. 7, em colaboração com esta revista, promoveu a "Semana de Ouro Preto", com leitura de interessantes crônicas sobre Ouro Preto, falando, a convite dos organizadores da "Semana", no



Igreja do
Rosário

último dia, o dr. Roberto Vasconcelos.

Com as páginas que, neste número, dedica á tradicional terra da Inconfidência, "Leitura" sente-se honrada em poder homenagear a "Cidade - Monumento" — berço da liberdade auri-verde.

"O FILHINHO DA MAMÃE"



F. ANDRADE

são próprias a esses ambientes de teatro amador, originadas, em via de regra, não pela incapacidade do ator, mas tão somente pelo pouco de oportunidade que o mesmo tem de praticar a sua arte.

A perfeição de uma atividade depende só da prática assídua e perseverante dessa atividade.

Diz-se comumente que tal futebolista joga bem, mas está fóra de forma", isto é, sem treino.

E' assim em tudo o mais. O próprio genio necessita de alguma prática para se expandir.

Ora, como querer, pois, de um grupo de amadores, cuja época de prática se conta por meses, desempenho melhor do que aquele que vimos no "Filhinho da Mamãe"?

Com toda a alma: nós achamo-lo magnifico. Otimo. Porque os senões verificados serão insignificancias se atentarmos para o grande esforço dos dirigidos de F. Andrade.

Se a esses fosse dado o ensejo

Do programa de festividades com que o "Centro Ourepretano", desta Capital, comemorou a passagem do aniversário de fundação da histórica cidade, constou a encenação da comédia:

"O Filhinho da Mamãe", original do teatrologo mineiro F. Andrade.

Mais de uma vez essa peça tem sido levada ao palco, e mais de uma vez o radio espalhou pelo espaço o seu interessantissimo entreccho. Provas capazes de consagrar o trabalho do jovem moço patricio.

No palco do auditorio da Escola Normal, onde se realizaram aquelas solenidades, o desempenho da peça foi o mais esperançoso, porquanto, em conjunto, o resultado logrou definitivo successo.

Em verdade, para fazermos comentarios sinceros, ha ainda algo a desejar.

Alguma coisa, todavia, cuja deficiencia não deturpou o êxito do espetáculo. As falhas que a gente notou



J. SOUZA

Ouro Preto — berço da Liberdade



— IGREJA DO ROSARIO —



“O FILHINHO DA MAMÃE”

conclusão

de poder praticar a sua aptidão, seguidos por um ensaiador competente e honesto, amigo da arte e não do bom ou mau artista, o resultado seria a consecução de um grupo primoroso. E assim a muitos mais que guardam, latente, a verdadeira vocação teatral.

Os senhores F. Andrade e J. Souza, pugnadores incansáveis pelo nosso teatro, em longo tempo de constante labor, de virtuoso desprendimento ao acanhado espírito dos chacoteadores de esquina, são dignos de aplausos.

Dia chegará em que esse sonho nosso — o teatro permanente — será uma realidade nossa e para nós.

Aí, então, quando vibrar em nosso espaço claro o grito de mais uma vitória, ha—de mais forte vibrar a voz enternecida do reconhecimento, galar-

Bar Simões

**Chop
Antarctica**

Bebidas finas e esmerado
serviço de bar

Avenida AFONSO PENA, 561

doando os heróis, porque não são heróis só os que morrem. são todos os que, nobremente, elevam as ideias nobres.

Virá, decerto, essa voz glorificadora, a cantar no hino do poeta:

“Para os plantadores de carvalhos o gesto abençoado das gerações”.

"CANTO PERENE"

CELIO GOYATÁ, uma das mais fulgurantes inteligências moças de Minas Gerais, que se vem destacando em varios sectores de nosso meio intelectual, acaba de publicar o seu terceiro livro de poesias a que deu o suggestivo titulo "Canto Perene".

Em "Canto Perene", estão enfeixados deliciosos poemas ineditos, todos elles tocados por uma profunda inspiração, reveladora do valor deste jovem enamorado das musas.

A suavidade mirifica que vem de suas estrophes vem cada vez mais vibrante em seu colorido, suavidade muito maior de que a que sentimos, em 1934, na "Replização" e muito maior ainda de que a que nos enleou em 1933, com "Poemas da Mocidade".

A se calcular por esta progressão maravilhosa de seu estro pode-se perfeitamente esperar coisas ainda maiores, em que pese as de boa pólpas que elle já tem produzido. A poesia de Minas, nelle, realiza um cyclo ideal satisfatorio.

Os seus poemas-todos elles — encantam e impressionam verdadeiramente pelo symbolo mystico que trazem em si mesmos. E ha, alem disso, alguma coisa de nova desprendendo-se nelles, ha, em summa, um "quid" poetico que nos tempos modernos vae desaparecendo dos versos de toda gente, porque já se disse que a poesia já está morrendo, e os mais pessimistas chegam, com um pouco de razão, a lançar o seu attestado de obito. Para alguns, então, não seria difficil fazer-se poesia apenas com intelligencia intuitiva, alinhando palavras e medindo versos com metro de baleão, e sempre susceptivel de successo se for divulgado em papel couchê com desenhos bem feitos, ou berrantes que sejam.

Em boa parte, a poesia moderna tem sido enquadrada neste conceito.

A poesia de Celio Goyatá é nova, mas não é assim.

Canto Perenne um thesouro de inspiração que temos agora a enriquecer nossa bibliotheca, para nosso mais fino deleite espirital, será assim o mais sã palliativo para nossas horas de tedio.

Vejamos uma amostra "poema para a mãezinha", que Landina Gualberto, no dia das mães disse na P. R. C. 7:

Cuidei que vinhas passear commigo
Pelos caminhos felizes de minha infancia
Que tu encheste de anjos e de princezas.
No entanto sinto a inutilidade de minha /espera
Porque tu te ergueste, alto e alto
Para além dos ceus que os meus olhos /não alcançam.

Ouro Preto

Uma das gravuras deste número, sobre Ouro Preto e focalizando um dos mais belos templos da "cidade-monumento", vai com um lamentavel lapso de pa-

CRONICA PARA A MULHER

"MARIA RAQUEL"

O vento brame furioso nas franças altaneiras, e a chuva repica insistente os vidros das vidraças. Tudo lá fóra freme desespêo. No céu brumoso, nem uma cintilação de estrêla. E no entanto, Maria Raquel perambula sem destino, frangalho humano que os irmãos desprezam. A chuva golêja lá fóra e a "alma errante" a recebe em cheio.

Tirita de frio, delira de febre. A fome a consome e a caldeira fisiológica desprovida de combustivel, fraquêja, vacila.

— Há quanto tempo andas assim, deplorável criatura ?

— Oh!... Há um milênio. Uma eternidade me abriga; etenidade de sofrimentos, angústias. Também vivi. O mundo mesorriu um dia... Como falêna insaciável corti célere á cata de um chuveiro de luz. Incandescente estava e me queimou as azas. Apagou-se então a minha vitalidade. Não mais distingui o bem do mal. Um turbilhão medonho confundiu-me o ser. Desprezaram-me os amigos da hora faustosa e o meu sonhado banquete terminou-se em tétrica pantomima...

— A chuva passou. Maria Raquel ressona de mansinho no cimento húmido do passeio.

Tambem viveste, Maria Raquel. Sentiste palpitar em ti ânsia da magnificência. A humildade de teu lar não te bastou. O brilhantismo dos salões te atraíu; os homens te sorriram amavelmente e te julgaste feliz. Depois, passou-se a tua época. Todo mundo tem a sua. — Que te restou dos prazeres materiais? — Miséria, desilusão. O luzeiro se apagou, os homens te repudiaram, a tua vida feita para o bem e para o belo metamorfoseou-se em uma peregrinação vã, infrutífera.

Nos teus dias de agora se refletem os teus atos mal pensados.

— Dorme, Maria, e o sono te dará a lí o que o mundo te negou!...

JUREMA

ginação, porquanto a photo é da Igreja de N. S. do Pilar e a legenda assinalou: "Igreja do Rosario". Aqui fica a emenda.



A
CASA
DE
MARILIA

*O' velho casarão de Vila Rica,
de aspecto arquitetónico obsoleto,
teu vetusto recinto testifica
um dos sonhos mais lindos de Ouro Preto.*

*Vês, de onde estás, — solar de Capuleta —
a casa de Marília, alva e pudica...
E, certo, com ela cantarás, em dueto,
o idílio antigo que vos glorifica.*

*Tem uma alma imortal cada edificio...
Em ti, revives de Thomaz Gonzaga
a alma lírica em sonho sponsalício...*

*Sonhas, extranho á sorte ambiente, aziága...
E então o teu pristino epinício,
enquanto a sombra de Dirceu te afaga!*

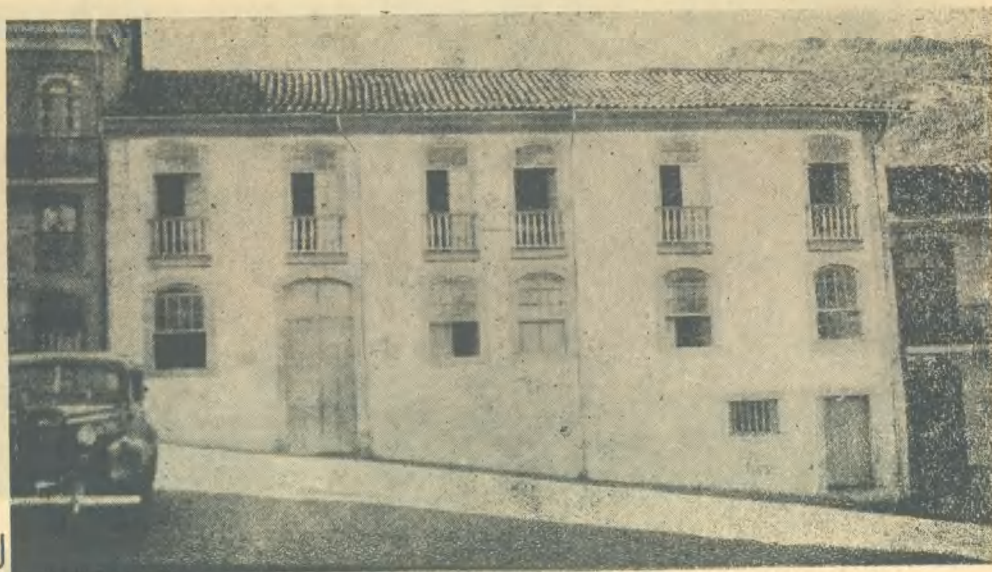
*Aqui morou, Julieta ouropretana,
Marília, a noiva do Romeu Gonzaga:
ontem, ninho de amor que se engalana,
hoje, um convento onde a paixão se esmaga.*

*De teus quartos e salas inda emana
o doce esflúvio da afeição presága;
e, em torno da roupeta franciscana,
um par de sombras carinhosas vaga.*

*Foste um convento, desde o dia triste
em que, (preso Dirceu), na escura cêla
da magua a noiva lacrimosa viste...*

*E, alheia á circunstancia alacridade,
recolheu-se a sonhar Marília béla,
freira do Amor no claustro da Saudade!*

MEDALHAS E BRAZÕES - Mario de Lima



A
CASA
DE
DIRCEU



Ouro Preto -

O suntuoso painel da abobada da igreja de S. Francisco de Assis -- Trabalho primoroso do Athayde



A historica casa onde se reuniam os Inconfidentes

Ouro Preto - relicário patrio



Capela de S. João — o templo mais antigo da cidade, construído em 1699



S. João — a mais que bi-centenária imagem da Capela do mesmo nome e em perfeito estado.

Banco da Lavoura de Minas Geraes

FUNDADO EM 1925

AGÊNCIAS:		Filial:
Alfenas, Bom Sucesso, Cabo Verde, Campanha, Campos Gerais, Cristina, Conselheiro Lafaiete, Diamantina, Divinópolis, Itabirito, Itaúna, Juiz de Fora, Lima Duarte, Machado, Muzambinho, Nova Lima, Oliveira, Ouro Fino, Ouro Preto, Pará de Minas, Paraizópolis, Passos, Patos, Peçanha, Perdões, Pouso Alegre, Santa Bárbara, Santa Rita do Sapucaí, São Gonçalo do Sapucaí, São Sebastião do Paraíso, Serro, Silvianópolis e Três Pontas.		RIO DE JANEIRO Rua da Candelaria, 4 Caixa Postal, 1679
BALANÇO DA MATRIZ E FILIAIS EM 30 DE JUNHO DE 1939		
A T I V O	P A S S I V O	
ACIONISTAS: Entradas a realizar 1.192:431\$000 33.590:766\$800 72.014:785\$500 AÇÕES CAUCIONADAS EMPRESTIMOS: Hipotecarios Em Contas Correntes Titulos Descontados IMOVEIS TITULOS DE RENDA CORRESPONDENTES: Saldo á nossa disposição FILIAL E AGENCIAS TITULOS EM COBRANÇA: Da praça e do interior VALORES CAUCIONADOS VALORES DEPOSITADOS VALORES HYPOTECADOS DIVERSAS CONTAS CAIXA: Em moeda corrente e dispo- nível em Bancos Em outras especies	7.148:910\$000 80:000\$000 106.797:983\$300 1.875:703\$600 2.664:662\$800 1.035:193\$800 30.803:076\$900 55.371:996\$600 50.828:780\$700 13.028:876\$200 3.756:535\$300 2.985:302\$500 19.021:247\$000 41.947\$600 295.440:216\$300	20.000:000\$000 3:200:000\$000 80:000\$000 15.109:033\$600 45.867:286\$500 1.380:613\$400 48.690:230\$000 111.047:163\$500 1.534:621\$000 32.747:009\$600 55.371:996\$600 50.828:780\$700 13.028:876\$200 3.756:535\$300 915:468\$400 2.134:252\$000 795:513\$600 295.440:216\$300

(a) José Bernardino Alves Junior, presidente - (aa) Clemente de Faria, José de Magalhães Pinto e Francisco Moreira da Costa, diretores - (e) Estanislau Pedro Boardman contador.



Apolices do Estado de Minas

Valor nominal 200\$0000

Sorteio a que concarrem as apolices da serie C no proximo dia 31 de Agosto:

1 premio de . . .	300:000\$000
2 premios de	50:000\$000
3 premios de	20:000\$000
6 premios de	10:000\$000
10 premios de	5:000\$000
15 premios de	2:000\$000
100 premios de	1:000\$000

UM BILHETE QUE NÃO FICA BRANCO

SEM O RISCO DE
perder o seu dinheiro e
ainda recebendo os juros de 7%.



P E C U A R I A

GUSTAVO DO VALLE

Especial para LEITURA

Um dos pilares básicos da economia nacional, quer interna, quer externa, está assentada na pecuária.

Assim é que, si ela é bem orientada pelos poderes públicos, boa política estará sendo seguida para o melhoramento financeiro.

Percorrendo o interior do nosso Brasil, imensos pastos verdejantes se nos deparam e neles, espalhados, grandes rebanhos das raças as mais variadas.

E esses rebanhos que hoje criamos, considerados alguns já como raças nacionais, tiveram início nos espécimes ibéricos, transportados para nosso país ainda nos tempos de colônia, pelos veleiros das cruzes de Malta rutilantes.

Quando já independentes, fizemos compras exteriores, o que até hoje fazemos, importando gado de vários pontos do Universo.

Juntamente com os primeiros, povoam os oito e meio milhões de

quilômetros quadrados do território brasileiro.

Atanasof, grande autoridade zootécnica, fazendo um interessante estudo sobre nossos bovinos, dividiu-os em grupos, do seguinte modo, obedecendo as denominações locais:

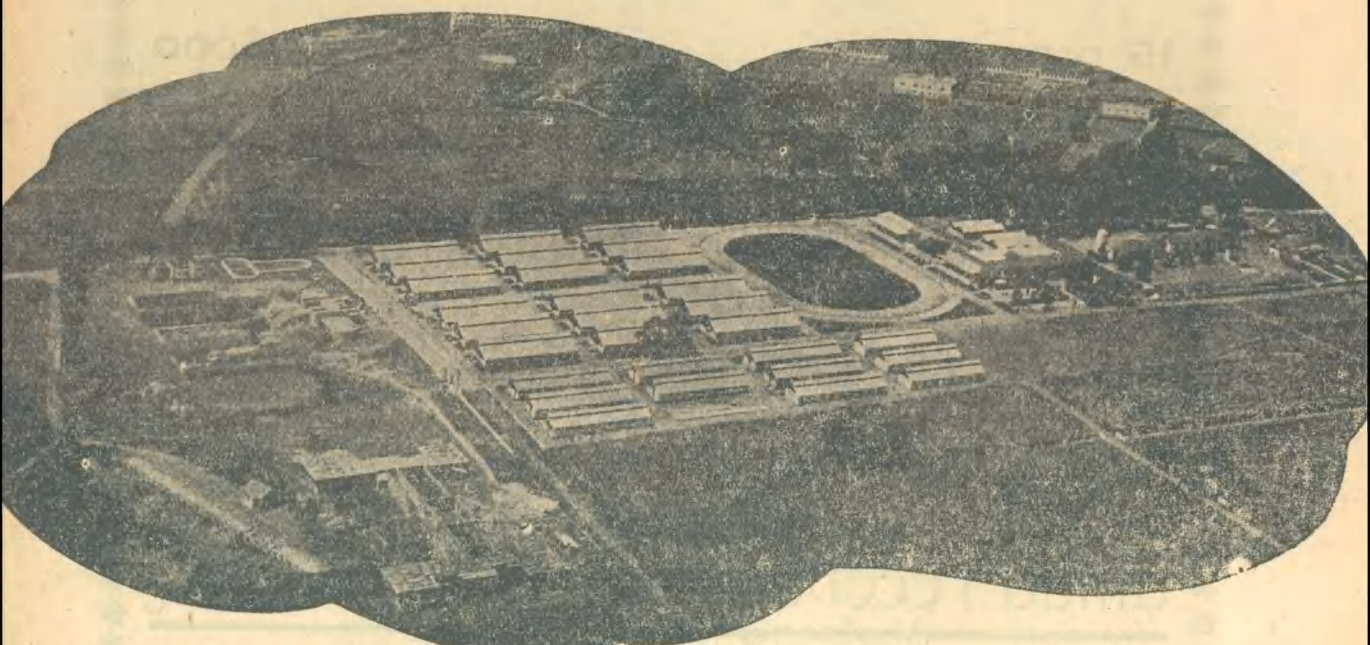
I — Bovinos nacionais que se filiam ao "*Bostaurus Ibericus*": Igarapé (Patuá, Nanica), Guarapêva, Carraleiro, Criôlo e Pantaneiro (Cuabano).

II — Bovinos nacionais que se filiam ao "*Bostaurus Aquitanus*": Igarapé, Caracú, Franqueiro, Junqueira e Pedreiro.

III — Bovinos nacionais que se filiam ao "*Bostaurus Batavicus*": Gado Tourino ou Holandês e mestiços.

Temos ainda o Môcho-Nacional, que alguns querem seja o Caracú sem chitres.

Dos animais importados da Índia, fizeram-se vários cruzamentos,



FEIRA PERMANENTE DE ANIMAIS — VISTA AEREA

saíndo de um deles o que se denominou Indùbrasil ou Indùberaba, uma conquista do nosso fazendeiro. Constituem ela e o Caracú duas vitórias para Minas, ou seja, para o Brasil.

Das raças importadas, destacamos: Polled-Agus, Schotorn, Hereford, Devon, Charolêsa, Holandêsa, Flamengo, Guernesey, Jersey, Ayrshire, Simental, Schwytz, Red-Polled, Normanda, e muitas outras.

Trabalhando com afinco, conseguiu o Brasil ser dono de um dos maiores rebanhos do mundo.

Grande parte de nossa exportação consiste de charque e carnes congeladas, mantendo-se na vanguarda os estados sulinos.

Mas, si somos grandes criadores e exportadores, é preciso que nos lembremos de que não somos os únicos e que existe a concorrência

dos demais países onde a pecuária se acha desenvolvida.

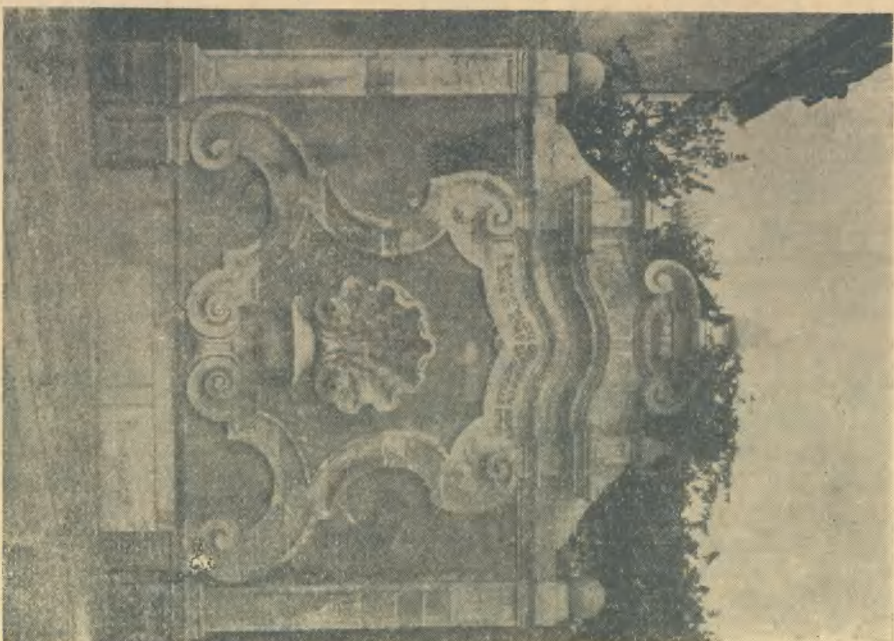
Nos tempos que passam, em que a guerra económica leva os países a verdadeiras guerras surdas pela hegemonia dos mercados consumidores, é necessário que nos esqueçamos um pouco de aumentar em numero os nossos rebanhos, que já são grandes, para aumentarmos em qualidade. Não quero, em absoluto, lhes desmerecer a qualidade.

Entretanto, poderiam ser melhores. Os concorrentes não dormem e os freguêses podem escolher.

O Governo de Minas, dirigido pelo Dr. Benedito Valadares, tem sido incansavel nesse ponto, como em outros.

A' frente da Secretaria da Agricultura encontra-se o Dr. Israel Pinheiro, que tem por lema: "E' preciso? Fazamos logo" e inimigo de

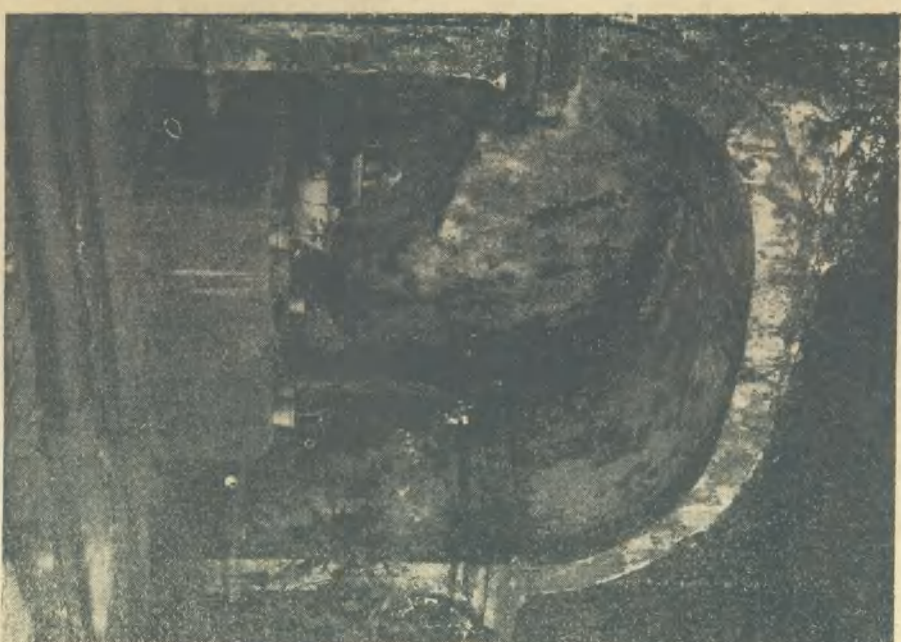




CHAFARIZ COLONIAL

Ouro Preto

monumento
nacional



FONTE DE GONZAGA

“Valsas e mais valsas”

Clarim de seda que acorda a “CIDADE DAS ROSAS”

É maravilhoso ver quando o sol, rompendo anteparos cinzentos de montes e arvores, estende sobre a cidade geométrica a infinita vibração de sua luz de ouro.

A paisagem angulosa do painél, envolvendo Deus e Homem em suas duas características inconfundíveis — *Naturêsa e Artificio* — Alma e Corpo — imprime no olhar da vida o destino simples da Confiança; marca na pauta enorme do Coração o acordo de um novo ritmo, cujo som mavioso insufla serenidade e jé.

E a cidade desperta. Acorda, alongando os seus braços em todos os rumos. É a continuação do que amais acaba. Continuidade do passo humano pela órbita universal, na jornada interminável do destino imortal.

A cidade acorda... Começa o borborinho semítico dos transeúntes pela calçada. Ruidos desconcertados explodem no ar suave a gargalhada das máquinas. No espaço anuviado passa devagar a procissão disforme das jumarádas, que a boca cilíndrica das chaminés cospe de encontro ao céu azul.

De repente, cêe no ambiente um soluço de nota musical. E vão-se repetindo os soluços de uma valsa, enrodilhando compassos, formando cascatas de ritmos.

A cidade desperta sob a inspiração de Strauss. Em todos os radios sublimando o grandioso milagre de Marconi, vibra a cadencia envolvente do programa querido... “Valsas e mais valsas”...

-- “Clarim de seda que acorda a “Cidade das Rosas”.



AFONSO DE CASTRO

o simpático locutor do programa “Valsas e mais valsas” sob cuja inspiração maior beieza vem tendo o programa suave e encantador



MARIA CRISTINA

MELODIA PORTENHA SOB
OS CÉUS DO BRASIL



E' verdade. O radio tem espalhado celebridades aos punhados. Nomes que nascem e morrem como os coriscos. Nem se pôde fixar bem a personalidade deles. Na maioria, o que lhes falta é isso mesmo: personalidade. São como fogo na palha...

Maria Cristina não veio assim depressa. Veiu devagar, pisando bem o caminho, colhendo nos olhos e no espirito a experiência dos seus próprios esforços. Fez questão de subir sem pressa, como se o brilho cá de cima não a chamasse. Veiu com tempo. O tempo necessario para adquirir segurança de si mesma.

Hoje, Maria Cristina é um valôr.

E parece que teve alguma varinha de condão a lhe mostrar o rumo a seguir. Começou onde devia começar mesmo. Muita gente começa estudando direito e se forma em medicina ou farmacia. Resultado: recita Platão ao examinar um caso de peritonite. Outros, ensaiam um samba e, ao enfrentar o programa, fazem como a querer imitar o Orlando: choram uma valsa. E' o mal das aptidões transviadas.

Maria Cristina, felizmente, acertou de inicio. Cantora de tangeros. Parece ter na voz suave a melodia tristonha do tango. "Portenita"... gracia repleta.

Nós dizemos: felizmente. Porque o Centro "Justino Mendes" deve a Maria Cristina contribuições valiosas. Diversas vezes ela nos emprestou sua arte às representações de nossas peças na PRC7

O triunfo da estrela mimosa nos dá alegria e é um motivo de orgulho para Minas.

Maria Cristina — melodia portenha sob o céu do Brasil.

Banco Commercio e Industria de Minas Geraes

Casa-matriz

BELLO HORIZONTE

Angra dos Reis (Est. do Rio), Anapolis (Est. de Goyas), Araguary, Araxá, Barra do Piraí (Est. do Rio), Bicas, Campos (Est. do Rio), Caratinga, Cassia, Cataguazus, Caxambu, Formiga Friburgo (Est. do Rio), Governador Valladares, Ipameri (Est. de Goyaz), Itabira, Itapetuna (Est. do Rio), Itauna, Juiz de Fora, Montes Claros, Niteroi (Est. do Rio), Ouro Preto, Paracatu, Patos, Patrocinio (Oeste), Pirapora, Pitangui, Poços de Caldas, Ponte Nova, Rio Branco, Rio Casca, Sacramento, Santos Dumont, S. Sebastião do Paraiz, Uberaba, Uberlandia, Valença (Est. do Rio), Varginha e Victoria (Est. do Espírito Santo)

Filial

RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM JANEIRO DE 1923

AGENCIAS:

Balanço da Matriz, Filial & Agencias em 30 de Junho de 1939

ACTIVO

ACCIONISTAS

Entradas a realizar

CARTEIRA

Letras Descontadas

Em carteira e com correspondentes

Letras a Recber

Letras do interior

CONTAS CORRENTES

Saldo devedores

CAUÇÕES E VALORES DEPOSITADOS

Em penhor megaliti, em garantias di-

versas e de adiantamentos

Valores depositados

Caução do Conselho de Administração

FILIAL & AGENCIAS

CORRESPONDENTES NO INTERIOR

Saldo á nossa disposição

TITULOS DE CONTA PROPRIA

IMMOVEIS

CAIXA

Saldo em moeda corrente e em

deposito noutros Bancos

Total do activo

PASSIVO

CAPITAL

FUNDO DE RESERVA

DEPOSITANTES

Por letras e a prazo fixo

Em contas correntes á vista

Em contas correntes de aviso

Em contas correntes sem juros

DEPOSITO DO ESTADO DE MINAS GERAES

Vinculado ao financiamento das obras de Uberaba

GARANTIAS DIVERSAS E TITULOS EM DEPOSITO

Valores caucionados

Valores depositados em custodia

Caução do Conselho de Administração

FILIAL & AGENCIAS

CORRESPONDENTES NO INTERIOR

Saldo á disposição dos mesmos

CREDORES POR LETRAS A RECEBER

CHEQUES VISADOS E ORDENS A PAGAR

DIVERSAS CONTAS

DIVIDENDOS

Saldo do 16.^a

Total do Passivo

2.563\$200

Rs.

844.323.072\$900

Bello Horizonte, 11 de Julho de 1939. - O Presidente, Christiano França Teixeira Guimarães. - O Contador, Aristides Bayma de Moraes.

O Congresso dos Criadores devia reunir-se no dia doze em Bello Horizonte. A cidade, tres dias antes, apresentava o aspecto das suas grandes, das suas maiores festas. Hoteis apinhados, installações provisórias nos edificios publicos para abrigar delegações do interior, casas particulares lotadas, as ruas com desusado movimento de transeuntes e de vehiculos, e os trens, successivos, continuavam a despejar passageiros e mais passageiros na estação, e a enchente humana ia subindo, subindo, subindo.

No dia dez, recebi de Lafayette um telegramma de um cliente da Companhia pedindo minha presença com urgencia afim de verificar o não funcionamento de uma installação defeituosa. Os deveres do meu officio incluíam a tarefa de attender aos freguezes em taes circumstancias e de convencer-os que ao nosso aparelhamento não podia ser imputado o desarranjo: eram sempre as condições locais,

O Louco

Um conto de João Bolithsauer
especialmente para
"Leitura"

imprevistos da atmospheria, ou outra qualquer causa. Nunca, porém, eu deveria confessar que o defeito era dosapparelhos fornecidos e installados pela Companhia.

Preparei, pois, a maleta para uma viagem de um dia ou dois (sem esquecer as "Instrucções confidenciaes sobre desarranjos das machinas Fufuca"), comprei passagem de ida e volta e pulei no nocturno do dia dez. Conforme era de se prevêr, não havia ninguem no carro: os trens vinham repletos e voltavam vazios. Extendi-me confortavelmente numa banquetta durissima e ocupei um espaço de quatro metros quadrados com a minha bagagem (a citada maleta e alguns jornaes).

A' hora da partida, tive o desgosto de vêr apparecer outro viajante, que, no derradeiro minuto, surgiu á porta do carro, muito alto, pallido e magro. Eu estava entretido na leitura dos vestestinos e, contrariado, só lhe dei um rapido olhar.

Justamente, na "Gazeta do Dia", dentre outras noticias sem grande importancia, concedi alguma attenção á da fuga de um louco do Instituto Raul Soares. Tratava-se de um perigoso individuo, chamado J. S., do qual davam apenas um signal caracteristico: uma contusão no pollegar da mão direita. Acrescen-

tavam que o louco tinha por habito propôr aos extranhos negocios fantasticos e aggredil-os barbaramente caso repellissem as suas propostas.

Ergui os olhos do jornal, e, de cada lado da linha, espreitei os campos fugindo entre os flócos de fumaça que escapavam da machina.

Por acaso, o meu olhar alcançou o meu companheiro de viagem. Fitei-o espantado. Segurava na mão o mesmo vespertino que eu acabava de lêr e sorria. Sorriso sarcastico, que me impressionou no momento, que achei exquisito, a ponto de nelle conservar fixos os meus olhos. Como se percebesse que eu o observava, o homem voltou-se para mim e ficou subitamente muito serio. Desviei então o rosto. Por sua vez, aquelle olhar me havia tambem impressionado. Que expressão extranha naquelles olhos claros, sob a forte sobranceira muito negra, e naquella barba crecida, e em todos os traços daquella physionomia. Havia qualquer coisa de desordenado, de... sim, de louco, — havia qualquer coisa de loucura, alli. Tal foi, de momento, a minha impressão. E,

(Continua noutro local)

O LOUCO

(Continuação)

Um conto de João Boltsauser
especialmente para
"Leitura"

por uma associação de idéas, muito simples e muito natural, lembrei-me do louco furioso cuja fuga o jornal noticiava

Onde estaria, áquellas horas, o J. S.?

Propondo talvez algum negocio a uma pessoa desprevenida que, ignorando o perigo, seria capaz de recusar a offerta...

Estremeci ao perceber um vulto esguio ao meu lado. Voltei os olhos repentinamente e vi o meu companheiro installar-se no banco na minha frente. Fitei-lhe o rosto. Estava sério, normal, a physionomia calma, sereno. Mas como, por acaso, elle apoiasse a mão direita na janela do carro, senti um choque terrível no meu peito: o dedo pollegar dessa mão direita estava envolto numa tira de pano.

Então, já não havia mais duvidas. Um azar espantoso me havia posto no caminho do perigoso J. S. O destino queria que, nesse ponto, as nossas vidas se cruzassem. Para que fim?

Eu estava alli, inteiramente preso, integralmente á mercê do louco. Como fugir? Encolhido no cantinho do banco, espremido de pavor, mal podia raciocinar.

Lembro-me que tentava examinar um por um os diversos meios ao meu alcance de libertar-me do erro sinistro lembrei-me até do recurso extremo: o pulo pela janelinha aberta.

Não. Não podia permanecer alli. Reuni toda a minha coragem. Precisava sair, ainda que tivesse de abandonar a maleta: antes perder a bagagem e conservar a vida.

Ergui-me.

E eis que o louco, immediatamente, se ergueu também. A custo, olhei para elle. Elle estava olhando para mim. Sorridente, elle me mostrou o banco.

"Sente-se".

— "Obrigado", murmurei, "não estou cansado."

Elle repetiu:

"Sente-se por favor."

— Eu... eu tenho necessidade de ir alli adeante. Voltarei já."

A minha explicação foi mal recebida.

"Não! Não!" exclamou o louco. "Irá depois. Agora sente-se!"

E com um riso que me fez passar um calafrio pelas costas, elle declarou:

"A gente fala que volta... e, depois, não volta mais."

Ainda fiz uma tentativa, arriscando-me a vel-o ficar furioso:

"Eu voltarei. Prometto-lhe que voltarei."

Elle sacudiu a cabeça, pegou-me pelo braço.

"Não e não! Já lhe disse que não."

Sente-se agora."

Que devia eu fazer? Se insistisse em sair, seria com certeza peor para mim. Sentei-me.

"O senhor é de Bello Horizonte?"

Mais morto que vivo, fiz que sim com a cabeça. O louco J. S. esfregou as mãos vigorosamente.

"Que sorte! Eu tenho justamente para lhe offerecer um negocio optimo, um negocio vantajosissimo para o senhor."

Conhece o Horto Florestal?"

E a outro signal meu, affirmativo, elle proseguia:

"Vou-lhe vender dois lotes alli. Muito bem situados e por uma uinharia. Aceita o negocio?"

Olhei para elle. Tive medo do seu olhar.

"Então? Aceita?" Não me diga que já passeue terrenos naquella zona ou que não tem dinheiro para pagar. Não quero desculpas. Sympathizei comsigo, e havemos de fechar negocio. Aceita?"

Lembrei-me da "Gazeta do Dia", das barbaras aggressões levadas a effeito pelo louco que eu enfrentava. Vencido, respondi:

"Perfeitamente, aceito com todo o prazer. Quando regressar, concluiremos o negocio."

Elle poz a sua mão no meu hombro:

"Hein? Quando regressar? Que tolice!"

E como eu hesitasse ainda, elle disse, como se fosse uma observação feita assim ao acaso e destituida de qualquer importancia:

"Veja a velocidade que andamos... Uma

Continua noutro local

Pecuaria

CONCLUSÃO

sub-estudos de anti-projetos de projetos demoradíssimos, que enchem papelada, nada resolvem, ou quando resolvem já tardiamente. Tem trabalhado com afinho.

Citemos a criação das Circunscrições Agro-Pecuarias, varias das quais ja instaladas e outras em vias disso, levando aos fazendeiros os metodos técnicos, fazendo-os esquecer os rotineiros.

A Fazenda Escola do Florestal, onde se matricularão aqueles que tiverem vontade de aprender.

Exposições pecuarias por todo o interior mineiro.

Uma obra de vulto, é tambem sem duvida, a Feira Permanente de Animais, cuja direção foi confiada ao Dr. Oscar Lamounier Godofredo, veterinario, funcionario competente, amigo do trabalho e de larga visão administrativa. Esse estabelecimento tem feito intercambio entre os criadores, facilitando-lhes a aquisição de bons reprodutores, de raças nacionais e estrangeiras, o que muito influirá na melhoria dos rebanhos.

Sí todos os Estados que perfazem a União estiverem seguindo estradas como Minas, dentro de proximos anos o Brasil poderá se orgulhar, não apenas de ser o dono de um dos maiores rebanhos do mundo, mas de um dos maiores e melhores, sinão, o maior e o melhor.

leiam

Boletim Brasileiro

número de agosto

P. R. C. 7

estação do povo-melhores programas

O louco

(conclusão)

quêda ali no barranco, neste momento, não deve ser nada agradável...”

E logo, voltando-se para mim, com o olhar desvairado:

“Não vac me fazer isto, não é? Nós... tão velhos amigos... não, não é possível!”

Você conclue o nosso negocio agora, não conclue? Responda!”

E elle ia puxando do bolso alguns papeis e uma caneta-tinteiro.

“Olhe! E’ só assignar aqui... e aqui... São duas vias. Oh! os meus negocios são todos licitos, legalmente realizados.

Assim, a garantia é reciproca, não acha?”

E, com o mesmo olhar desvairado, collocando na minha mão a caneta, elle indicou outra vez a jarrela do carro:

“Mas que velocidade! Veja! Uma queda agora, hein?...”

Gelado, eu assignei. Assignei, ali... e ali... como dizia o louco. Duas vias, para garantia reciproca.

Como se estivesse realizando seriamente um negocio, elle me estendeu um dos papeis impressos e guardou o outro no seu proprio bolso.

Depois, como se estivesse satisfeito, accomodou-se no seu canto e não me dirigiu mais a palavra.

Mas, de quando em quando, eu percebia que elle ria silenciosamente.

Marzagão! Marzagão!

O comboio se deteve com diversos solavancos de intensidade decrescente.

O louco parecia dormir. Tirei da rêde a minha maleta e, pé ante pé, sahi do carro, installei-me noutro. Depois, mais socegado, desci para a plataforma, á cata de qualquer autoridade a quem pudesse confiar o meu segredo e a guarda do louco.

Tive de deter-me deante de um ajuntamento de populares que se formou de repente na estação. Avistei dois soldados segurando um individuo baixo, moreno, sem chapêo, com o cabelo em desordem e o pollegar da mão direita amarrado num panno sujo. A meu lado, algumas pessoas commentavam a scena.

“Sabe quem é? E’ um doido que fugiu do Raul Soares, um tal J. S...”

— Sim! Quando foi preso, estava querendo vender o chapêo por dois contos de reis ao agente da estação.”

Pedi licença aos meus visinhos e afastei-me rapidamente. Procurei no carro o meu companheiro de viagem. Elle já, alli, não estava mais.

Tirei do bolso o papel por mim assignado. Era um documento pelo qual me obrigava a ficar com os lotes taes e taes, na rua Jacutinga, na Villa Verde, no Horto Florestal. Negocio perfeito, sem nenhum vicio de forma.

Eu estava seguro.

Foi assim que me tornei dono de terrenos na Capital.

E se não quizerem cahir da mesma maneira, resistam energicamente aos suppostos loucos que lhes fizerem propostas, sejam ellas quaes forem.

Gloriosa tradição mineira

M A R I A N A

A 16 de Julho de 1696 as terras banhadas pelo Ribeirão do Carmo, eram desbravadas pelos bandeirantes de Piratininga.

Marca este mês, portanto, o fato primordial da historica terra de Alfonsus, fato que pertence a Minas e ao Brasil, porque diz respeito à propria historia brasileira.

Primeiro municipio, primeira cidade, primeira diocese do Estado, Mariana representa o marco de onde partiu a civilização, nas desconhecidas glebas das Minas Gerais.

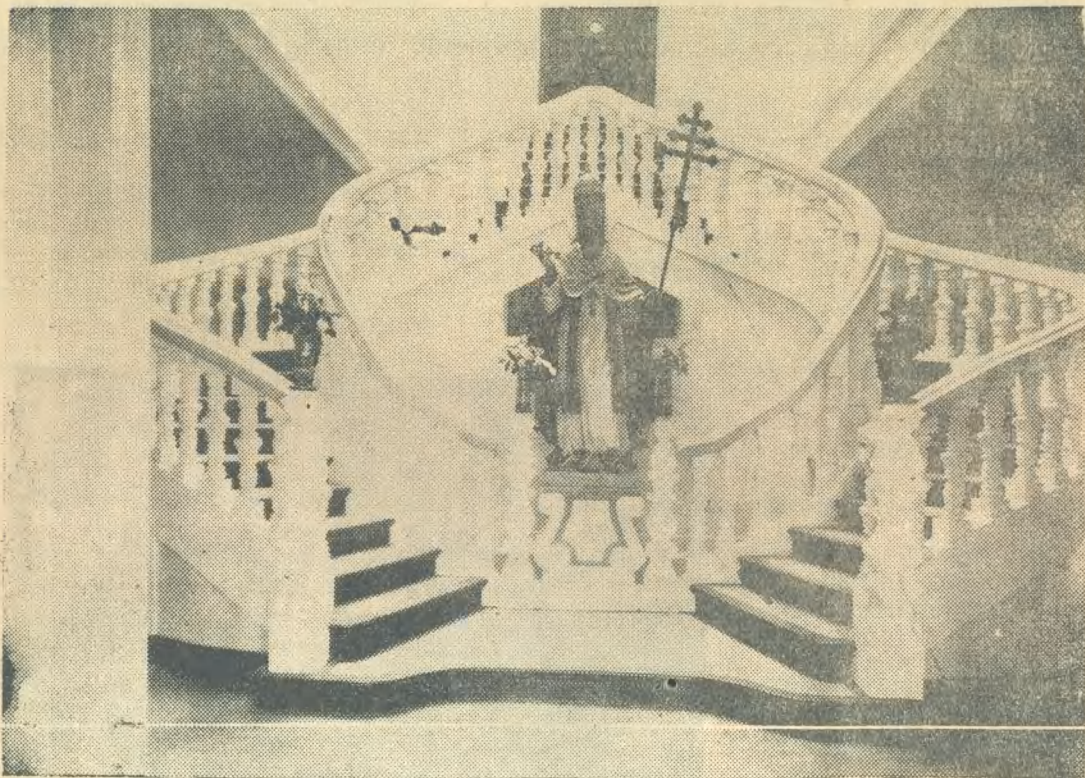
Relicário augusto de joias artisticas, culturais, que extravazam pelos seculos o genio da nossa gente, provando-o com demonstrações incontestaveis, impolutas, Mariana surge no céu da nacionalidade

como a estrela de mais antigo brilho, de maior vibração luminosa.

E' a legenda que se expande pelo corpo da terra patria, mostrando a grandiosidade que nos animou no passado, para que saibamos honra-la no futuro.

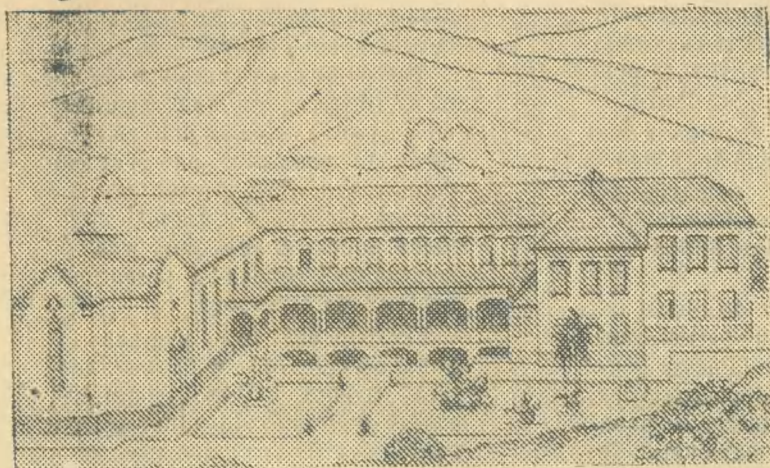
Terra de campanarios e de homens ilustres, em sua atmosfera de antiguidade ecôa um grito eterno de mocidade, na evocação dolente dos sinos, porque a terra que nasceu sob a Cruz não envelhece nunca. A Fé que "remove montanhas" realiza a perene juventude da esperança.

Fixando em suas paginas alguns aspectos de Mariana, "Leitura" tributa á "Athenas de Minas" o seu culto de admiração e respeito.



Entrada principal do Seminário de Mariana, soberba iniciativa de D. Helvecio

Mariana—"cidade dos bispos"



SEMINARIO.—[vista da fachada do imponente edificio



Outra vista do Seminário fundado por D. Helvecio

Pode Belo Horizonte ter o teatro permanente?

Inegavelmente vamos avançando com passadas largas para melhores rumos.

A cidade de quarenta e poucos anos assumiu aspecto de portentosa metropole, e já causa admiração a quantos a conhecem.

Temos urbanismo maravilhoso, na feitura majestosa do nosso traçado. Largas e belas avenidas. Temos a mais perfeita piscina da America do Sul, cujo esboço moderno provoca comentarios os mais elogiosos.

Temos dois estadios de esportes, de apresentação condigna.

Temos um cinema, cujo predio imponente é uma afirmação de gosto e comodidade.

Temos uma Feira Permanente de Amostras, demonstração vigorosa de esforço e intelligencia, instalada em edificio moderno, onde existe concretizada em exemplos a grandeza de Minas.

Temos tres estações de radio-

difusão, que espalham pelo paiz inteiro a nossa pujança.

Temos, por todos os pontos da cidade, edificações bellissimas, cheias de arte e perfeição, marcando com indices de pedra o nosso progresso assustador.

Temos jardins suntuosos, onde a beleza das flores mostra a fertilidade do solo.

Temos sentimento artistico e sabemos amar o belo.

Somos uma cidade emfim. Temos a responsabilidade dos grandes centros urbanos. Sobre nós se apoia um nome a honrar e elevar.

Uma lacuna, entanto, empana o nosso brilho de capital moderna.

Falta-nos um teatro. Não nos referimos ao predio onde funcionar a arte da ribalta. Falamos sobre a parte interpretativa. Mesmo porque breve teremos um edificio á altura de nossas necessidades; graças, ao prefeito Osvaldo de Araujo.

E' uma verdade pungente. Não existe em nossa capital um teatr permanente. Nem mesmo periodico.

Apenas, vez em vez, de longe,

Pode Belo Horizonte ter o teatro permanete?

um espetáculo teatral nos é oferecido, obra de esforços particulares.

Nós achamos que Belo Horizonte comporta essa iniciativa. E ainda mais, achamos que nós mesmos temos elementos para fazer a experiência. A questão é descobri-los, apurá-los. Tudo dependeria de começar. E o êxito dependerá, somente, do modo com que atacar a obra. Porque o princípio de tudo seria fácil e o prosseguimento também, se se encontrasse um caminho despido de obstáculos, em que todos os passos fossem livremente dados.

Nós conhecemos o espírito elevado do sr. Prefeito. Sua inteligência esclarecida tem sido mostrada em várias iniciativas de mérito.

Por isso, aventuramos um alvitre: porque não toma a Prefeitura a rédea do movimento fundando em nosso meio o teatro permanente? E que não fosse permanente, porquanto seria trabalho de maior vulto, ao menos uma representação mensal, em temporadas de alguns dias.

Instituir-se-iam concursos para seleção de candidatos à cena teatral, confiando-se o julgamento a uma comissão de intelectuais de comprovado conhecimento da questão. Submeter-se-ia o candidato escolhido a provas rigorosas, em conjunto, com participação do mesmo em peça simulada. Desse modo poder-se-ia obter um conjunto apresentável.

A Prefeitura tomaria a sé o controle absoluto das representações, mediante contrato com os artistas.

Meio caminho andaremos com a instalação do novo Teatro Municipal, cujo esboço perfeito é das mais promissoras realidades técnicas.

Ai fica a idéia.

Acha você, leitor, impossível? Nós teremos imenso prazer em sa-

O 3º ANIVERSÁRIO DO C. P. O. R. -: NO :- "CALENDARIO HISTORICO DO BRASIL"

Transcorreu num ambiente de entusiasmo, com um brilho além da expectativa, a irradiação do programa do III Aniversário do C. P. O. R., no Calendario Histórico do Brasil, organizado pelo Centro de Estudos Justino Mendes em colaboração com aquela garbosa tropa desta Capital.

Fôï o seguinte o programa irradiado:

I) Fanfarras (Prefixo musical — 10 horas)

II) Palavra do Presidente do Centro de Estudos Justino Mendes, entregando o programa

III) Leitura do Boletim Diário do C. P. O. R. por Gustavo do Vale.

IV) "Canção da Infantaria" — Coro de alunos daquela arma

V) "Infantaria" — Alocução do Aluno Gustavo do Vale, terceiro anista daquela arma (1. Secretário do CEJM)

VI) "Cavalaria" — Histórico de Wilson Carneiro Vidigal, terceiro anista daquela arma

VII) "Arma Ligeira" — Côro de alunos de Cavalaria

VIII) "Artilharia" — Histó-

ber a sua opinião. Exponha suas idéas.

Quem sabe chegaremos a um fim concreto, e o nosso pensamento seja bem aceito.

Seria um novo melhoramento para a nossa linda Capital.

Sim o Macário, aquele estudante folgazão da pensão de dona Stela, era um bom sujeito. Apesar de boêmio e saber gastar em poucas horas, o que seu pai custava a arranjar durante o mês, lá na fazenda do Oeste, apesar de suas farras, o Macário era de "coração mole". Ah! isso era.

E foi por causa de ser um "mão aberta" que o Macário ficou com aquela máguia dentro do peito, e que o faz andar acabrunhado desde aquele dia, começado tão ale-

quanto esperava, assentou-se a u'a mesa, daquelas colocadas no passeio, e mandou vir uma laranjada para dar cabo do calor, que não estava nada "canja".

Veiu a laranjada. Pelo canudinho Macário ia sorvendo o refresco apetitoso. E ia também observando os transeuntes.

Terminava a "matinée" do "Gloria" e a Avenida estava p'ra lá de movimentada... Moças indo e vindo, passando para a revista dos rapazes parados na calçada.

ESMOLA MAL DADA

gre e terminado desastrosamente.

Também não era para menos! Pois não matára ele nm garotinho com apenas 500 réis!?... Sim, senhores, com apenas cinco tostões!

Parece até um absurdo que, uma pratinha dessas que têm as efigies de D. Pedro I e do dr. Epitácio, haja motivado a morte de um ente.

Mas nós vamos transmitir a história do Macário que nos foi contada.

Macário recebêra a mesada. E viera mesmo a tempo, pois terminava naquele dia a trégua que dona Stela lhe concedera.

Pagou á dona da pensão o mês atrasado, para evitar nova ameaça de despejo (sim, que não havia meios de ele "acertar a escrita" desde aquela passeata alegre com as filhas do "seu" Candinho e que lhe levára um bom bocado de "cobres"), e entregou os 10\$000 da "sá" Joana, a lava-deira.

Ainda lhe sobraram 257\$000! Ótimo! — pensou ele, — 200 "pilas" para o resto do mês — e estava no dia 8 —. Agora, os 57..., os 57, seriam para a farinha da noite.

Era sábado, dia de tirar o atrazo dos seis passados de pestanas ardendo sobre livros e papeis, e ouvido e entendimento alertas para as preleções dos mestres.

E pensando nisso rumou para o "Paládio", onde esperava encontrar os seus colegas de curso, o Paulo e o Rafael.

Chegando lá, não os encontrou. Em-

Macário também apreciava — e como apreciava! — aquele farfalhar de saías, que deixavam entrever maravilhosas formas exaltando a imaginação cúpida do estudante, aqueles sorrisos, descuidosos uns, cheios de vaidade outros, e outros ainda, prometedores e maliciosos.

O vozerio feminino era enorme — não fossem elas mulheres! — Comentários sobre o filme...

As sêdas e os perfumes continuavam a encantar a vista e o olfato de Macário. Nesse momento, um garoto passa pelo passeio, estendendo a mão a uma jovem e dizendo:

— "Uma esmola, pelo amor de Deus! eu ainda não comi nada hoje"!

A moça olha para o menino maltrapilho, o seu coração se confrange, abre a bolsa, mas só tem uma cédula de 20\$000 e uma pratinha de dez tostões. O menino, que estava de olhos fixos na bolsa, percebendo que dali não saía nada ficou triste. A moça também. Mas... dez tostões para um menino pobre eram muito. Disse então ao garoto:

— "Agora não tenho trocado, só noutra ocasião, sim, meu benzinho!"

E o "Benzinho", desiludido, procurou outra alma caridosa que pudesse ser mais útil, isto é, que lhe desse um níquel. Voltou-se então para um senhor de "pince-nez" que passava pôsúdo, e repetiu o estribilho:

— "Uma esmola pelo amor de Deus..."

Nem um "Deus te ajude" ou uma

(Continua noutro local)

Um
conto de

H
A
L
E
Y

A
L
V
E
S

B
E
S
S
A

GRANDE
Sweepstake Brasileiro

Dia 6 de Agosto de 1939

500 contos

POR 100\$000

SÓ JOGAM 20.000 BILHETES

UNICO DISTRIBUIDOR NO ESTADO DE MINAS

SONHO DE OURO

RUA ESPIRITO SANTO, 580

Preços especiais para revendedores

O 3º aniversário do C. P. O. R.
no "Calendario H. do Brasil"

rico de José Alberto Alvares, terceiro anista daquela arma

IX) "A Poderosa" — Côro de alunos de Artilharia

X) "Exército" — Discurso do Aspirante José Luiz Pinto Coelho Filho, instrutor-auxiliar de Infantaria

XI) "Hino Nacional Brasileiro" - Côro das 3 armas

XII) FANFARRAS (ENCERRAMENTO - 10 E 55)

ATUOU COMO LOGUTOR, ORLANDO VIGNOLI.

Esmola mal dada

(CONTINUAÇÃO)

promessa. Ao contrário, um "vai trabalhar seu malandro", foi o que ouviu o menino entre espantado e humilhado.

Macário presenciara as cenas, que se haviam dado mesmo pertinho d'ele.

— Sim, senhores! Nem um níquel para o pobrezinho! "Ela", que não tivera trocado, com certeza pagara as entradas para as duas amiguinhas que a acompanhavam. 4\$600, para elas que não precisavam, e para o garoto, que talvez não tivesse mesmo comido nada, para ele não havia trocado.

— Em todo caso ela se condoera, prometera-lhe uma outra oportunidade, chamara-o "benzinho"...

— Mas, e o "tal" do "pince-nez"? Que desafôro! Si não quizesse dar esmola, não desse. Não era a isso obrigado. Mas insultar o pedintequinho, isso não!!!... Era demais! Falta de caridade e de educação também!

— Por isso é que existiam tantos revoltados...

Macário se compadeceu... Havia de recompensar o garoto daquelas decepções. Dar-lhe-ia um níquel para matar a fome. Ia gastar a tôa os 57\$000. e assim, dando u'a esmola, aliviava um pouco a consciência.

Pareceu até que o menino lhe advinhara o propósito. Ainda meio ressabiado pela ameaça do homem de "pince-nez", mas talvez movido pelas contrações inúteis do estômago vazio, ele dirigiu para o Macário suas mãozinhas esqueléticas e sujas:

— "Moço, me dá um tostão! Tô sem comer té agora!"

Macário nem o quiz humilhar com um interrogatório. Meteu a mão no bolso e tirou um níquel. Saiu uma pratinha de 500 réis. Estendeu-a ao garoto:

"Tome", p're você!

Quinhentos réis! Seria possível? Pedira um tostão e lhe davam cinco.

Isso nunca lhe sucedêra! Recebia quasi sempre eram 200 réis — que felizmente o tostão andava escasso — mas, cinco tostões de uma vez?! Que moço bom aquele! E mirava, boquiaberto, a pratinha nova que até foruscava em suas mãos.

— "Deus ajude o senhor, "seu" moço.", disse o menino ainda meio descon-

(CONTINUA ADEANTE)

o homem dos olhos arregalados

amigos do "falecido" como dizia na sua linguagem chorosa de recém-viúva.

Milagres passou uma das piores noites com aqueles livros, mal cheirosos de naftalina, em cima de sua mesa. Acordou muitas vezes assustado. Das páginas dos opúsculos via saírem sombras condenadoras. E no meio delas, rindo-se, amarela, como se sombras também sofressem de fígado, a do inditoso dr. Oduvaldo Marcondes, perguntando-lhe, dolorido, porque é que desejára a sua morte.

Não houve explicação possível. E Milagres pelejou para desculpar a insônia e o pesadelo com aquele horrível cheiro de naftalina...

Esta história poderia ter muito mais coisa a ser contada. Mas vamos ao fim, pois na repartição, um dia, alguém se lembrou de indagar do Euclides Milagres sobre os livros.

— Que livros?

— Ora bolas, que livros? Aqueles que ele tanto cubicava do defunto Oduvaldo. Pois ele mesmo não havia dito que seria bem bom que ele morresse e lhe deixasse "alguma coisa" no testamento? Que livros?... Não se fizesse de tolo. Todo o mundo sabia que ele tinha ganho mais de cem... e cada qual melhor. E que tinha isto? Bobo seria quem não aproveitasse...

Euclides Milagres parou com a caneta no ar, como uma toupeira que não desse com so buraco. Escureceu-se toda a sua compreensão. Só via a maldita sombra do dr. Oduvaldo empre lhe sorrindo. Ah! e aquela idéa, que voltára, mais furiosa do que nunca, a fazer sortilégios no seu pobre cérebro cansado, e milhares de bocas que, á semelhança daquela voz tumular lhe perguntavam:

E os livros?

"Bôbo seria quem nao aproveitasse"...

Saíu feito louco, os cabelos arrepiados, as mãos crispantes. Por coincidência fazia frio como naquela tarde de junho. Mas não tinha capotes para levantar a gola. Tinha livros. Isto tinha: E quem lho viria tomar? Quem se atrevia?

Apertava as mãos em todo o corpo como se quizesse esconder avaramente o tesouro dificilmente roubado. Afastava-se receioso de transeuntes pacatos e abria desmesuradamente os olhos se algum, condoído com aquela aparência, o fitava caridosamente.

Ficou, para sempre, assim, com os olhos estupidamente arregalados...

TEUTONIA

A CERVEJA PREFERIDA

ESMOLA MAL DADA

(CONCLUSÃO)

fiado. E como lhe acontecera algum milagre, abalou numa carreira entre os transeuntes, para deixar o passeio.

Um grito lancinante se fez ouvir! Exclamações de horror, correrias, estremecimentos, feições comovidas!

Macário se voltou rápido para o lado da rua.

Que horror! Não era possível! Mas que fatatidade!

O grito de dôr fôra dado pelo garôto-mendigo.

Cheio de felicidade, resumida na pratinha de 500 réis, perturbado e cêgo de contentamento, ele tentára atravessar a avenida, sem dar atenção aos veiculos. Desgracadamente, um caminhão do Matadouro lhe passára por sobre o corpo fraco e diminuto.

Macário se alucinou. Levantou-se num relâmpago. Correu para o garôto já cadaver, e cujo corpo esmagado, ainda se achava entre duas rodas, deanteiras e trazeiras, do auto.

O motorista travára o carro, tentando o quasi impossível. Mas o veiculo, pesado demais, não obedecera de todo aos esforços de seu guia, e só a primeira roda bastára para reduzir a frangalhos o ventre vasio do garôto faminto.

Macário, como um doido, abrindo, violentamente, passagem entre os que já rodeavam o cadáver do menino, abaixou-se para ele. Tentou apanhar o corpo em xanque do pequeno morto. Mas recuou atarantado, como se tivesse recebido um choque. A mão apertada do garôto detxava entrever a pratinha de quinhentos réis que lhe fôra dada. E o brilho da moeda fulgia qual uma cusação! Foi o que perturbou Macário.

— Por causa daqueles 5 tostões, o caminhão matára o menino?

— Não, não podia ser! Era o destino! Coincidência, Fatalidade. — O que se quiser que fosse!

"leitura"

MENSARIO
ORÇÃO OFICIAL DO
CENTRO DE ESTUDOS
"JUSTINO MENDES"

Diretor-Gerente:

GELSON BERTELLI
Redação a cargo da
Comissão de Divul-
gação e Propaganda
do Centro

EM ARTIGOS ASSI-
NADOS A REDAÇÃO SE
EXIME DE TODA E
QUALQUER RESPONSA-
BILIDADE, FICANDO AO
SEU ARBITRIO A ACEI-
TAÇÃO DOS ORIGINAIS
ENVIADOS, OS QUAIS
NÃO SERÃO ENTRE-
GUES SOB QUALQUER
HIPÓTESE.

Assinatura anual . . 8\$000

Numero Avulso . . . \$700

Não ha exceção de
preços para numeros
atrazados ou pedidos
para fóra da Capital
ou do Estado. Neste
último caso se cobra-
rá a despeza postal.

Leiam - - Assinem - - Propaguem

O DIÁRIO

Orgão de difusão catolica

Variada e escolhida colaboração
Suplemento literario aos domingos

Ouçam diariamente o

Calendario Historico

às 10,30 pela onda da P.R.C. 7.

SOCIEDADE RADIO MINEIRA

programa sob orientação do
Centro de Estudos Justino Mendes

Outros endereços para onde podem ser envi-
das quaisquer correspondencias para **LEITURA**

Rua Hermilo Alves 270 - Telefone 2-5559
Reitoria da Universidade de Minas Gerais
P. R. C. 7 - - Sociedade Radio Mineira

a
v
e
n
i
d
a

JUCA MORENO

A TARDE JÁ VAI MORRENDO,
NO CÉU AZUL SE PERDENDO,
EM VERTIGENS LANGOROSAS...
A BRISA SOPRA AS FOLHAGENS...
MODELA TRAÇOS DE IMAGENS...
DESNASTRA NO CHÃO AS ROSAS...

ROLA NO ASFALTO, EM LUFADA,
A SARABANDA DOURADA
DA POEIRINHA AMARELA.
INVEJO A BRISA FAGUEIRA,
QUE PÓDE, CALMA E BREJEIRA,
BEIJAR OS CABELOS DELA.

A ALIMENTAÇÃO DO POVO

O dr. Nicolau Ciancio é um dos mais brilhantes vulgarizadores de questões medicas para o povo. Dele é o artigo que se segue, transcrito de um dos numeros do semanário "Vamos Lêr". Não é preciso ressaltar a importancia e atualidade do assunto. "Vamos lê-lo", pois:

"ESTÁ na ordem do dia a alimentação do povo; mas a este ninguém explicou, em linguagem popular, o que vêm a ser "dietética", "calorias", "hidratos de carbono", "vitaminas", etc., de que tanto tem falado os jornais; e nem ninguém ainda disse ao povo onde ele encontraria, na prática diária, essas cousas misteriosas de que cada individuo carece.

O que o operário e o povo em geral comem é pão, carne, feijão, arroz, verduras, legumes, ovos, leite, peixe, banana, laranja e toma café.

Que valor nutritivo tem cada uma dessas cousas?

É isso que se deve explicar ao povo!

Antes de tudo, porém, é preciso mostrar-lhe a "despesa" diária, para que ele saiba qual é a "receita" de que precisa.

A experiencia demonstrou que uma pessoa — em condições normais, trabalhando sem excessos, perde, diariamente, cerca de dois litros e meio de água.

Suponhamos que ele não perdes-

se outra cousa; bastava perder só esses dois litros e meio de água para compreender que devia beber outros dois litros e meio d'agua para manter o seu organismo em equilibrio.

Isso qualquer pessoa pôde compreender.

Veremos adeante que o que se dá com a água, dá-se tambem com o sal, com o açúcar, com a gordura e com outras cousas que têm nomes químicos e que o povo não entende, isoladamente, mas entende, quando se lhe diz que as bananas, por exemplo, têm tudo isso em quantidade maior ou menor do que as laranjas, do que um pedaço de queijo, do que uma colherada de feijão, etc.

Mas como perde uma pessoa dois litros e meio de água?

Assim: cerca de litro e meio de urina (de 1.300 a 1.400 gr.); pouco

A alimentação do povo

(CONTINUAÇÃO)

mais de meio litro, pelo suor (600 gr.), quasi outro meio litro sai pelo pulmão, na respiração; e umas 100 gr. se eliminam pelas fezes.

Além da água, uma pessoa perde, por dia, cerca de 26 gr. de sais mine-rais (pela urina, fezes e suor); 280 gr. de "carbono" (pelo ar expirado, sob forma de óxido de carbono); pela urina (uréia); pelas fezes, etc.

Perde, ainda, 18 gr. de azoto (uréia e ácido úrico, etc., pela urina).

O "carbono", o "azoto" e os "sais" são substâncias que fazem parte da composição do corpo humano, dos outros organismos animais e das plantas.

O que quer dizer que o homem, pela alimentação, deve ingerir, diariamente, essas cousas que ele perde.

Não se trata, porém, de uma perda imaginária, cada organismo vivo é um "fôgo". O homem, por exemplo, trabalhando, "queima carbono, gorduras, sais, açúcar, etc.," porque o seu corpo se esquentava. Na combustão desses alimentos, ha desprendimento de calor.

Esse calor é avaliado em *calorias*, em vez de ser avaliado em quilos ou litros.

A força que um homem gasta, assim, diariamente, é avaliada em 2.600 *calorias*.

Ora, cada alimento fornece, *queimando-se*, no nosso corpo, umas tantas *calorias* para cada cem grâmas do seu peso.

Assim, 100 gr. de bananas, por exemplo, fornecem 71 *calorias*.

Suponhamos que um trabalhador, um dia, na roça, não tivesse outro alimento: Quantas bananas devia ele comer para obter as 2.600 *calorias* de que carecia?

Para facilitar o cálculo, admita-

mos que cada banana pesasse 100 grs.. (2.600, dividido por 71, dá 38).

Vê-se que uma pessoa que não tivesse outro alimento, para manter o seu equilíbrio, deveria comer 38 bananas; isto é, 8 na hora do café e 15 no almoço e 15 no jantar.

Outro exemplo: cada 100 gr. de pão, fornece 275 *calorias*. Fazendo os cálculos, vê-se que se uma pessoa tivesse de se alimentar só com pão, devia comer quasi um quilo de pão por dia.

Esses dois exemplos, como vemos, são um tanto forçados, porque ninguém come só pão ou só bananas. Mas ha pessoas que trabalham e que por conselho médico, passam só a leite. De que quantidade de leite, em média, necessitam?

Dando cada 100 gr. de leite 67 *calorias*, verifica-se que essas pessoas precisam de 3 litros e 800 gr. de leite por dia.

Agora, basta de exemplos.

Daremos aqui o valor nutritivo, dos alimentos mais usados pelo povo, avaliados em *calorias*.

E sabendo que cada pessoa, precisa, no mínimo, de 2.600 *calorias* diárias todos poderão fazer as combinações que quizerem, comendo tanto de cada coisa, até perfazer o numero de *calorias* necessárias.

Eis a lista do valor nutritivo dos alimentos mais usados:

Carne de vaca cozida: 176 *calorias* para cada 100 gr.; idem, assada: 118; galinha cozida, 195; presunto 265; fígado, 133; peixe, 320; queijo, 150; leite, 67; manteiga, 762; azeite, 905; um ovo (45 gr.), 75; pão, 275; arroz, 330; feijão, 325; farinha de mandioca, 342; idem de trigo, 360; fava, 45; vagem, 32; couve e batata, 34; alface, 11; cebola, 42; batata, 90; banana, 71; abacaxi, 47; maçã, 52; mamão, 115; laranja, 48; café, 9 e chá, 8."

Leitura EM SUAS PÁGINAS MODERNAS E VARIADAS OFERECE O MAIS EFICAZ MEIO DE ÓTIMA PROPAGANDA, A PREÇO VANTAJOSO.

Exortação ao próximo brasileiro

Brasileiro! Crê no Brasil! Tua palavra de fé representa uma parcela de realização em prol da nova Pátria. Como o teu trabalho vale porque constrói, a tua esperança vale porque anima.

Na legenda auri-verde das tuas bandeiras antigas, faz gravar o rumo definitivo da tua caminhada futura.

Crê no Brasil!

Crê na promessa risonha da terra que te viu nascer, fazendo do pendão amadurecido que ela te oferta em suas prodigiosas colheitas, o símbolo sagrado da tua religião cívica.

Se tu acreditaste no passado glorioso dos teus avós debes acreditar também no futuro magestoso dos teus filhos.

Crê no Brasil!

E dentro da tua crença, olhos voltados para Deus, dá o esforço da tua força de vontade, em troca do poderio econômico, social e político da tua, da minha terra, da terra do Brasil.

“Você gosta de poesia?”

“LEITURA” aparece trazendo para você um singular e interessantíssimo concurso.

“Você gosta de poesia?”

Conhece o «Navio Negreiro» de Castro Alves? Não! ah! sim, já declamou “Vozes d’África” do inspirado lírico baiano? Realmente, é uma bela página da nossa literatura.

Conhece Bilac?

“Ora, digam, ouvir estrelas...”

Logo a gente se lembra desse soneto; porque? E Alberto de Oliveira, Olegário Mariano, Guilherme de Almeida, Machado de Assis?

Veja então se é capaz de achar na “Exortação ao próximo brasileiro”, publicada em outro local, as palavras componentes de um verso de Castro Alves, muito bonito e muito conhecido.

MANDE SUA RESPOSTA PARA: RUA HERMILO ALVES, 270, E SEJA UM DOS CANDIDATOS AO PREMIO DE 5 LIVROS QUE OFERECE O SABOROSISSIMO

Café “Minas Gerais”

A SER SORTEADO ENTRE OS CONCURRENTES

Jóias dos mestres brasileiros

OLAVO BILAC foi o maior poeta do Brasil. Dele é esse maravilhoso espetáculo de

VILA - RICA

O OURO FULVO DO OCASO AS VELHAS CASAS COBRE;
SANGRAM, EM LAIVOS DE OURO, AS MINAS, QUE A AMBIÇÃO
NA TORTURADA ENTRANHA ABRIU DA TERRA NOBRE:
E CADA CICATRIZ BRILHA COMO UM BRAZÃO.

O ANGELUS PLANGE AO LONGE EM DOLOROSO DOBRE.
O ÚLTIMO OURO DO SOL MORRE NA CERRAÇÃO.
E, AUSTERO, AMORTALHANDO A URBE GLORIOSA E POBRE,
O CREPUSCULO CAE COMO UMA EXTREMA-UNÇÃO.

AGORA, PARA ALÉM DO CERRO, O CEU PARECE
FEITO DE UM OURO ANCIÃO QUE O TEMPO ENEGRECEU...
A NEBLINA, ROÇANDO O CHÃO, CÍCIA, EM PRECE,

COMO UMA PROCISSÃO ESPECTRAL QUE SE MOVE...
DOBRA O SINO... SOLUÇA UM VERSO DE DIRCEU..
SOBRE A TRISTE OURO-PRETO O OURO DOS ASTROS CHOVE.

Joias dos mestres universais

COM TOLSTOI CONTINÚA A NOSSA PAGINA "JOIAS DOS MESTRES UNIVERSAIS". PARA RECORDAÇÃO DOS GRANDES ESPÍRITOS, NADA MAIS VEEMENTE QUE REPETIR SEMPRE A SUA PALAVRA DE ARTE, COM A CERTEZA DE QUE ELES NOS ESTÃO OUVINDO. ESTA É A MELHOR SAUDADE.

As mulheres, o amor e a morte

Todo raciocínio sobre o amor destrói esse sentimento.

O sentimento da vida, para cada um de nós, baseia-se no amor, e o desenvolvimento de nossa força de amar traz-nos a felicidade e a ventura.

Só o que ama vive.

O amor é a vida mesma; não uma existência fora da razão, dolorosa e ephemera, mas uma vida afortunada e eterna.

Todo o amor reside em que os homens crêem na existência de condições que permitem tratar seus semelhantes sem amor. Mas essas condições não existem. Com respeito às coisas, podemos proceder sem amor. É possível que saibamos passear nos bosques, cozer tijolos, bater o ferro; nas relações do homem com o homem, o amor é tão indispensável como o é a prudência nas relações do homem com as abelhas. É tal a natureza das abelhas que, se não formos cautos com ellas, nós as amaldiçoaremos! O amor recíproco

entre os humanos é a lei fundamental da existência.

O verdadeiro amor não é possível senão quando se renuncia ao bem da individualidade animal.

O homem e a mulher devem aspirar à pureza absoluta.

Todas as categorias de educação feminina só têm por objectivo attrahir os homens.

Não se pôde ser bom completamente.

Que cada qual, na medida de suas forças, siga pessoalmente a verdade que conhece ou, pelo menos, não defenda a mentira, e mui presto cumprir-se-ão os fados que entretemos para um seculo futuro: a libertação da humanidade e a verdade sobre a Terra.

Se o homem pudesse dormir por mil annos, como nos contos de fadas, fal-o-ia com mais calma que por duas horas. Para a consciencia da vida não temporal, da verdadeira vida, um intervalo de um milennio ou uma interrupção de oito horas são a mesma coisa, porque a vida está fora do tempo.

Parece que se morre prematuramente, mas, na realidade, não é assim. O homem só morre quando é indispensavel a seu bem.

Qualquer que seja a esphera da nossa actividade, desde que renunciemos a estreita individualidade em proveito de outrem, entramos, durante a vida, no todo do mundo, para o qual não existe a morte.

**O novo certificado BEMCA,
representativo de 3 apolices
MINEIRAS - Series A, B e C,
concorre aos seguintes sor-
teios durante o ano :**

FEVEREIRO - Serie C

1 premio de	200:000\$000
1 " "	10\$000\$000
1 " "	50:000\$000
3 premios de	20:000\$000
5 " "	10:000\$000
10 " "	5:000\$000
20 " "	2:000\$000
100 " "	1:000\$000

ABRIL — Serie B

1 premio de	500:000\$000
1 " "	50:000\$000
1 " "	20:000\$000
3 premios de	10:000\$000
5 " "	5:000\$000
75 " "	1:000\$000

MAIO — Serie C

1 premio de	500:000\$000
1 " "	100:000\$000
2 premios de	50:000\$000
3 " "	20:000\$000
4 " "	10:000\$000
10 " "	5:000\$000
25 " "	2:000\$000
100 " "	1:000\$000

JUNHO — Serie A

1 premio de	500:000\$000
2 premios de	50:000\$000
1 premio de	10:000\$000
11 premios de	1:000\$000
330 " "	300\$000

AGOSTO — Serie C

1 premio de	300:000\$000
2 premios de	50:000\$000
3 " "	20:000\$000
6 " "	10:000\$000
10 " "	5:000\$000
15 " "	2:000\$000
100 " "	1:000\$000

OUTUBRO — Serie B

1 premio de	1.000:000\$000
1 " "	100:000\$000
1 " "	50:000\$000
2 premios de	20:000\$000
3 " "	10:000\$000
5 " "	5:000\$000
55 " "	1:000\$000

NOVEMBRO — Serie C

1 premio de	200:000\$000
1 " "	50:000\$000
4 premios de	20:000\$000
10 " "	10:000\$000
12 " "	5:000\$000
10 " "	2:000\$000
300 " "	1:000\$000

DEZEMBRO — Serie A

1 premio de	1.000:000\$000
1 " "	100:000\$000
1 " "	50:000\$000
2 premios de	5:000\$000
21 " "	1:000\$000
330 " "	300\$000

**O Certificado
BEMCA é o me-
lhor e mais se-
guro meio de V.
S. empregar o
seu capital com
a probabilidade
de tornar-se mi-
lionario de uma
hora para outra**

APENAS 25\$000 POR MEZ

Compre certificados BEMCA, que lhe darão
o direito a 8 (oito) sorteios do Empréstimo
Mineiro de Consolidação, durante o ano e
pelo espaço de 40 anos.

Banco Mineiro da Produção

EMPRESTIMO MINEIRO DE CONSOLIDAÇÃO

Decreto n. 11.412, de 30 - Junho - 1934, modificado pelo de n. 11.419, de 5 - Junho - 1934

Relação das apolices premiadas no sorteio de 30 de Junho de 1939

500 CONTOS DE RÉIS 136.071

50 contos de réis 366.789 - 50 contos de réis 864.276

Dez contos de réis 233.665

PREMIOS DE UM CONTO DE RÉIS: 314.095 - 357.742 - 423.693

483.795 - 611.840 - 646.346 - 698.672 - 718.270 - 792.127 - 924.436 - 967.064

PREMIOS DE TRESSENTOS MIL RÉIS

001169	128429	258719	385979	513239	616559	773919	901179
004199	131459	261749	389009	516270	619590	776949	804209
007229	134489	264779	392039	519300	622619	779979	907239
010259	137519	267810	395069	522329	625649	783009	910269
013289	140549	270839	398099	525359	628679	786039	913299
016319	143579	273869	401129	528389	631709	789069	916329
019349	146609	276899	404159	531419	634739	792099	919359
022379	149639	279929	407189	534449	637769	785129	922389
025409	152669	282959	400219	637479	670799	798159	925449
028439	155699	285989	413249	540509	673829	801189	928449
031469	158729	289019	416279	543539	675859	804219	931479
034500	161759	292050	419309	546569	679889	807249	934509
037529	164789	295080	422339	549599	682919	810279	937539
040559	170849	298109	425369	552629	685949	813309	940569
043589	173879	301139	428399	555659	668979	816339	943599
046619	176909	304169	431429	558689	692009	819369	946629
049619	179939	307199	434459	561719	695139	822399	949659
052679	182969	310229	437489	564749	698169	825429	952689
055709	185999	313259	440519	567779	701199	828459	955719
058739	189029	316289	443549	570809	704229	831489	958749
061769	192059	319319	446579	573839	707259	834519	961779
064799	195089	322349	449609	576869	710289	837549	964809
067829	198119	325379	452639	579899	713319	840579	967839
070859	201149	328409	455669	582929	716349	843609	970869
073899	204179	331439	458699	585959	719379	846639	973899
076919	207209	334470	461729	588989	722409	849669	976929
079949	210239	337499	464759	592019	725439	852700	979959
083979	213269	340529	467789	595049	728469	855729	982089
086009	216299	343559	470819	604139	731499	858759	986019
089039	219329	346589	473849	607169	734529	861789	989019
092069	222359	349619	476879	610199	737559	864819	992079
095099	225389	352649	479909	613229	740589	867849	998139
098129	228419	355679	482939	616259	743619	870879	
101159	231449	358709	485969	619289	746649	873909	
104189	234479	371739	488999	622349	749679	876939	
107219	237509	364769	492029	625349	752709	879969	
110249	240539	367799	495059	628379	755739	882999	
113279	243569	370829	498089	631409	758769	886029	
116309	246599	373859	501120	634439	761799	889059	
119339	249629	376889	504159	637469	764829	892089	
122369	252659	379919	507179	640499	767859	895119	
125399	255689	382949	510209	643529	770889	898149	

DIRECTORIA

GERENGLA

Matrīn

BELO HORIZONTE

**Filial no Rio de Janeiro
Rua 1.º de Março, 86**

AGENCIAS

Bom Sucesso
Dóres do Indaítá
Oliveira
Pirapora
São Gotardo
São João Del Rei
ESCRITÓRIOS
Abateté — Tiroso

BALANÇO DA MATRIZ E AGÊNCIAS EM 30 DE JUNHO DE 1959

ATIVO

PASSIVO

a) Benjamin Ferreira Guimarães, presidente

a) Asdrúbal d'Andréa, contador



100\$000

5 livros neste valor

eis o premio do Concurso "Você
Gosta de Poesia?" instituido por
esta revista e oferecido pelo

Café "MINAS GERAIS"

um café delicioso para o seu
paladar, dando ao seu espiri-
to feliz oportunidade de um
interessante certamen literario